



O MOSQUITO

***** JORNAL CRITICO HUMORISTICO E LITTERARIO *****
I ANNO. NUMERO 4
***** PUBLICAÇÃO SEMANAL *****

ASSIGNATURAS: Anno..... 480 reis, Semestre..... 240 " Trimestre..... 120 "
BARCELLOS
PUBLICAÇÕES: Parte litteraria GRATIS, Anuncios e communicados 20 reis por linha, rep. 10 reis.
DOMINGO 2 DE SETEMBRO DE 1883

BARCELLOS, 1

EXPEDIENTE

E' nosso agente no Porto, o sr. Ernesto Ferreira da Silva, á rua de Santo Ildefonso, n.º 191.

O EXPLORADOR DE LOTERIAS

As loterias, que não tenham um fim benemerito, são prohibidas pelo

FOLHETIM

COPADAS

Com o titulo de «Sociedade das Cópadas» organisou-se uma no Porto no anno de 18.. composta só de 41 socios.

Cada socio tinha uma alcunha, taes como: — «Calcinhas», «Enguiço», «Pito-nú», «Pausudo», «Casaca-de-ferro», «Lagosta», «Chico-garoto», «Ramos», «Bába», «Bruta», e o «Zefa».

Esta sociedade tinha um fim em vista: nos dias de maiores divertimentos taes como—nas vespersas de S. João, vespera do dia de Reis, sahir com gaita de folles, tambores, pandeiretas, castanholas, e ferrinhos; pelas ruas da cidade.

art. 270 do codigo penal; no entanto campeiam livremente e jogam n'ellas d'esde o primeiro funcionario publico até ao mais humilde cidadão, d'esde a primeira auctoridade ao mais infimo dos seus subordinados. A' sombra da loteria vivem meia dúzia de exploradores, que vão extorquindo lentamente os ultimos reaes dos bolços do povo, entregando-lhes em troca um tira de papel de cores diverças a que por irrisão, dão o nome de «cautela»; esta cautela é guardada como o maior thesouro, e

Esse projecto foi realisado, e pela primeira vez foi escolhida a vespera do dia de Reis, para se divertirem os socios; o qual se realisou tudo na melhor ordem.

Pela segunda vez; a «Sociedade das Cópadas» resolveu sahir na vespera do S. João, a qual agradou muitissimo.

No seu primeiro passeio foi substituida a gaita de folles por uma harmonica, sendo acompanhada pelos intrumentos que facima deixo dito.

No segundo passeio tudo mais frisante; a ordem do prestito era a seguinte:

Na frente iam dois socios que faziam ouvir dois clarins, ambos estavam auctorisados a isso, e senão vejam: um éra corneta de Bombeiros Voluntarios; e o outro era o clarim da cavallaria da guarda municipal. Seguian-se mais dois socios decentes-

esperão impacientes o dia em que «anda a roda».

Chega finalmente esse grande dia, esses milhares de desgraçados fascinados pela esperança d'um pequeno lucro, lá vão em caminho do «cambista» buscar os desenganos de seus sonhos.

Ali juntam-se e acotovelam-se uns contra os outros; ali, disputão o lugar mais chegado do balcão para primeiro receberem a fatal nova. Finalmente ali, estão uma, duas, tres horas, esperando febris a chegada do telegramma; em todos os rostos se vê apesar de impacientes uma pouca d'alegria. De repente uma vós brada—Telegramma!

Ao som d'aquella vós e á pronuncia d'aquella, todos os rostos se virão, todos os olhares se voltão para o papel que o boletineiro entrega—de dentro do balcão um braço

mente vestidos de D. José 1.^o e Marquez de Pombal; por de traz d'estes iam quatro socios, que sustentavam quatro grandes ramos de carvalheiras, sobre as duas personagens.

Finalisava o cortejo; dez socios de cazaca e chapéu alto, que compunham uma charanga.

Além d'estes dois passeios, os socios da dita sociedade, fizeram algumas tainas.

Finalmente, chegou um dia fatal em que a dita sociedade acabou com tudo quanto se projecta pela mocidade.

Comessou por 11 socios e já conta 18 quando acabou. Mas tambem não tinha remedio se não assim ser; porque á medida que o tempo se passa todos variam de idéas e alem d'isso—uns porque tinham o seu namorico, ou por que foram obrigados ao serviço militar, finalmente outros

se estende para o receber, passão-se trinta segundos que aos impacientes parecem trinta longas horas.

Começa finalmente a leitura dos numeros, cada um que lê, cada punhalada que crava no coração dos explorados; ao cabo de alguns minutos.....tudo branco!.. N'esses rostos que então se viam alegres e esperançados se vê agora a languidez e o desengano—aquelle fatal telegramma derrubou todas as suas esperanças—vão sahindo uns após outros vagarosamente—cústa-lhes a deixar aquelle lugar onde lhe extorquiram uma parcella do que tanto lhes custou a ganhar. São nove horas da noite. Um galego fecha as portas d'essa loja sinistra.

Dentro, um homem todo engravadado, esfrega as mãos em signal de regosijo, atira com uma moeda de cinco tostões ao galego, e dis-lhe:—

que foram obrigados a sahir da cidade e irem para outras terras, por falta de trabalho.

E presentemente d'esses 8 socios, cazaram-se 3; estabelecem-se 3; para o exercito foram 3; e o resto exercem artes e officios.

Na conta dos casados são:—o «Chico-garoto», o «Cazaca-de-ferro» e o «Zéfa».

Todos cazaran com boas «mangalozas!»

Na conta dos estabelecidos são:—o «Pansudo», o «Bruta», e o «Chico-garoto».

Trez estabelecimentos de «luxo!»

Na conta dos militares são:—o «Calcinbas», em marinha; o «Bruta», em infantaria; e o «Pansudo», em caçadores.

Todos tres «cabos d'enchada!»

Que progresso, e que «cópadas».

W,

Toma sou generoso!

O gallego sai e elle, o de chapéu alto, o explorador, não cabe em si de contente—pega em tres ou quatro libras e sai tambem—dirige-se ao Lisbonense, depois ao Suisso convida tres amigos e... saem todos dirigem-se á praça, tomam um carro e passeiam. Dá meia noite. A porta de um dos melhores restaurante um coupé para e quatro homens se apeiam. Passa-se hora e meia. Uma algararra infernal se ouve dentro—ao estalar das garrafas de champagne succede-se o tinir dos copos que se partem.

Esse champagne que bebem e desperdissam são outras tantas lagrimas de centenas de familias que chorão:—passa-se mais algum tempo, e todos bebados fasem disturbios, —após essa orgia são intimados para sahirem —apresentão-lhe a conta mas quem paga?

E' o «generoso!»

Porto.

STÁ-PI!

Dedicada ao meu A...

Ha sómente uma palavra,
Por muito mal empregada,
Que revela affectos nobres
De affeição desentressada.

Essa palavra tão santa,
Aqui a vou escrever:
Amisade, que defina
Quem a sabe comprehender.

Qual tu és, amigos ha poucos;
Presto cultos á verdade,
Quantas finezas não devo
A tua nobre *amisade*!

Qualquer que seja o destino,
Que me reserva o proviz,
Só poderei olvidar-te
Quando deixar d'existir.

Adelaide Maria Villaca.

COMO EU TE AMEI

Tu foste o sol d'esta alma atribulada,
Luz das minhas trevas, e o meu prazer,
A crenga d'este peito apuixonado;
E alegria, do meu triste viver.
Tu, foste anjo formoso e puro,
Adorada por mim a mais não ser.

Ameite, como o naufrago ama a praia,
Como ama o preso, a luz dos céus,
Ameite como o arabe ama o deserto,
Adorei-te, como o crente adora a Deus.
Eras tudo para mim a vida fixa;
O unico objecto dos sonhos meus!

Attrahiste-me, como attrahe a barboleta,
A chama que a fascina, e queima allim,
Ameite, e embora seja pobre e obscuro,
Era teu escravo, meu amado Chorubim;
E tu, sabendo quanto te estremecia
Tu, cruel! esqueceste-te de mim.

Porto—julho—83.

J. M. Barboza.

SAL-PI-COS

Achámos muita graça e boa critica á seguinte noticia, dada por um jornal de Paris, a proposito da geral adulteração dos generos alimenticios.

Quatro moscas, ligadas pela mais cordial amizade viviam na mesma casa; uma d'ellas, dirigiu-se, um dia de manhã cedo, com um regular appetite, para um copo, que estava cheio de leite; não tardando em fallecer no meio das mais violentas convulsões, devi-

das á cal, que o leite continha. Outra foi pousar, muito contente sobre uma caixa, pintada d'anilina, julgando encontrar ali um saboroso almoço, mas a pobresinha morreu envenenada. O mesmo fim teve tambem a terceira, que fora comer uma pouca de farinha que estava falsificada com alumem.

A quarta mosca muito afrita, por ver a sorte das suas tres amigas e desejando acabar com a sua existencia, precipitou-se sobre um papel dos chamados—mata moscas—que estava sobre o fundo d'um prato. Chupava com avidéz o liquido que julgava mortifero, mas em logar de morrer envenenada, sentiu-se mais animada e cheia de vida.

O papel—mata moscas—estava tambem falsificado!!!

Ha dias, uma infeliz menina, chamada Amelia, costureira na cidade do Porto; tentou por termo á sua existencia, tomando uma porção rasoavel de *cabeças de prégos*, n'um cha de *azas de moscas!*

A desditosa Amelia, teria decerto succumbido, se não fossem os serviços prestados pelo muito afamado *Pó-pó-gim-gim*; que lhe receitou um côpo de café sem leite, e um charope de *morrões de candeia!*

Tambem nos informaram, que contribuiu muito, para o seu prompto restabelecimento, a *bruxa* das escadas do Codeçal, que lhe applicou umas *rezas* e uns *defumadouros!*

Consta-nos, que o motivo de tal imprudencia, foi por o seu namôro, conhecido pelo alcunha de *Faneca*, lhe ter permittido cazamento, e á ultima hora lhe sahira infiel.

A nossa bilheteira

Recebemos e agradecemos a amavel visita dos seguintes collegas:

A *Barboleta*, miniatura litteraria de Coimbra.—A *Independencia*, semanario da Povoa de Varzim.—*Journal das Associações*, que se publica no Porto.—O *Districto de Faro*, de Faro.—A *Verdade*, de Thomar.—O *Povo*, orgão do partido progressista de Lamego.—O *Aerolitho*, semanario de intrucção e recreio que á luz começou a sahir em Lisboa em 22 do mez passado.

ANNUNCIOS

ONDE MORA O SALVAÇÃO ?

Na rua Direita.

Manoel Joaquim Duarte Salvação, participa aos seus amigos e freguezes que junto ao seu estabelecimento de mercearia, tem um deposito de vinhos maduros engarrafados dos mais acreditados armazens do Porto, que vende por junto e á retalho, fazendo grandes descontos, tanto para particulares, como para revender.

Se quizerem experimentar, verão a bõa qualidade, é só na loja do SALVAÇÃO!

—=0=—
QUEREM LIBRAS?

Vão depressa comprar bilhetes da loteria á loja do SALVAÇÃO. 1

CAL

SEM COMPETIDOR

Francisco José Bento d'Oliveira, negociante, morador na rua Direita, n.º 55, previne o publico de que se encarrega de qualquer encomenda de cal, quando pedida com anticipação, pelo diminuto preço de 600 reis, o quintal de sessenta kilos e posta n'esta villa, na estação do caminho de ferro. Garante a sua boa qualidade.